



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 1 - Ano 1 - Nº 1 - Jan / 2013

ISSN 2317-8612

7. Arteterapia: o caminhar para o autoconhecimento

Priscila Peixinho Fiorindo*

Quando palavra e imagem se misturam, as palavras formam um amálgama com a imagem e já não servem para descrever, mas para fornecer som, diálogo e textos de ligação.

Will Eisner

Resumo: o presente artigo pretende mostrar como as práticas artísticas, orientadas pelo arteterapeuta, contribuem no processo de autoconhecimento, durante as sessões de *arte em terapia*. E para tanto, faremos um breve percurso histórico sobre o conceito de imagem e seu significado, em diferentes contextos sociais, bem como o surgimento da Arteterapia e sua relevância na busca do si-mesmo.

Palavras-chave: imagem, criatividade, arteterapia, cliente.

Um breve percurso histórico sobre a imagem

O termo “imagem vem do latim *imago* que significa retrato, visão, aparência, representação” (TORRINHA, 1945, p.395). Segundo o autor, podemos dizer que ela é uma cópia da realidade, representada artisticamente, ou seja, vinculada à estética.

Desde a pré-história a imagem já era considerada um símbolo cheio de significados. De acordo com Jorge (1999), as pesquisas sobre a produção de desenhos, apontam que não se trata de uma simples transcrição ou imitação da realidade, visto que estas imagens possuem uma organização sintática e simbólica. Logo, desde a existência humana, a arte/imagem

esteve presente nas relações comunicacionais, proporcionando a manifestação de sentimentos, emoções, inerentes ao homem.

Nesta perspectiva, Hauser (1982 apud Fiorindo, 2009) afirma que a arte ou a imagem produzida, numa determinada época, reflete a realidade social e econômica de um povo, de forma artística. Portanto, ele considera que algumas obras de arte são criadas para serem vistas, outras simplesmente para que existam.

Ainda, segundo o autor, as imagens criadas pelo homem são tão antigas quanto a própria humanidade. Mãos marcadas na rocha ou na argila, as chamadas mãos em negativo, criadas a partir do sopro de uma nuvem de pó colorido sobre a mão apoiada em pedra lisa, estão presentes em diversos

*Doutora em Psicolinguística/USP, Mestre em Linguística/USP, Graduada em Letras/Mackenzie. Professora de Língua Portuguesa da Faculdade Ruy Barbosa, Salvador-BA – Grupo Devry Brasil e do Projeto Mobilizadoras da Paz - Sociedade Hólon em parceria com a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador-BA. Docente da disciplina Texto Científico, na pós-graduação do Instituto Hólon. Currículo lattes disponível em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4744418Z4> priscilafiorindo@hotmail.com

desenhos mais ancestrais produzidos pelo homem. A título de ilustração, segue a imagem a seguir:

Figura 1 - Mãos em negativo



Caverna de Cargas – França

Considerando, segundo Benjamin, que o segredo da arte pictográfica reside na dialética, pois a imagem possibilita o diálogo entre ela e o espectador, por isso, ela torna-se crítica, porque ao olhar para o observador, ela o obriga a olhá-la e a constituir esse olhar, verificamos que desde que o homem existe, ele se relaciona com a imagem, seja ela qual for, a fim de expressar seus sentimentos, crenças e vontades.

E de acordo com Merleau-Ponty (1975), a concepção da obra de arte é um campo reflexivo a solicitar do intérprete a abertura para o novo e, portanto, para a alteridade. Dessa forma, observamos que a arte é inerente à vida, pois através dela nos identificamos, nos espelhamos, ou seja, ela é o reflexo da realidade, que permite a observação de olhares ampliados.

A partir de então, torna-se possível, por meio da criatividade, não só da produção de imagens-desenho, mas também de outras técnicas como modelagem, pintura, colagem ou poesia, analisar o sujeito e auxiliá-lo na caminhada do seu autoconhecimento.

Levando em conta que o processo de conhecer a si mesmo é uma trilha contínua, em que há a necessidade do enfrentamento entre persona (a imagem que passamos aos outros, não necessariamente, aquilo que realmente somos) e sombra (o que está escondido, mascarado) para adquirirmos maturidade psíquica, ilustramos a referida ideia com o poema de Fernando Pessoa, o qual, por meio da arte poética, mostra sua

“Autopsicografia”, revelando sua persona ao mundo:

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas da roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.
Fernando Pessoa

Como observamos, a arte abre as portas para a conexão do consciente com o inconsciente, e neste percurso o indivíduo entra num mundo real e imaginário, ao mesmo tempo, desvendando seus próprios mistérios.

Arte e terapia

Arteterapia é o processo terapêutico, em que o profissional utiliza as diferentes formas artísticas, a fim de auxiliar o cliente no processo de desenvolvimento biopsicossocial. O uso terapêutico das artes remonta às civilizações mais antigas. Porém, só em meados do século XX a Arteterapia se delineia com efetiva atuação, motivada pela crise da modernidade, em meio às mudanças que marcaram essa época. No percurso sócio-histórico, com as duas guerras mundiais, houve mudanças na crença de que a razão e a ciência poderiam responder a tudo.

Então, em 1950, surge a Arteterapia, em paralelo ao contexto da Arteeducação. Sua principal precursora foi Margareth Naumburg – artista plástica, educadora e psicóloga americana. No entanto, ela não foi a primeira a utilizar o termo *Arteterapia*, mas ficou conhecida como a “mãe” da referida estratégia para se autoconhecer, por ter sido a primeira a diferenciá-la, claramente, como um campo específico, estabelecendo os fundamentos teóricos sólidos para seu desenvolvimento. Para Margareth sempre ficou evidente a importância da atividade criativa e expressiva para o desenvolvimento pleno de cada ser humano e de cada comunidade social.

A referida educadora e psicóloga interessou-se pelas pontes que entrelaçava entre o trabalho desenvolvido na escola, onde utilizava-se o método Montessori e o campo da Psiquiatria e da Psicoterapia. Em 1969, foi oficialmente fundada a Associação Americana de Arteterapia (AATA).

Na década de 1980, tal abordagem foi trazida ao Brasil por Selma Ciornai, psicoterapeuta gestáltica com formação em Arteterapia, em Israel e nos Estados Unidos, e quem criou o curso de Arteterapia no Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo.

De acordo com a estudiosa, a necessidade de se criar algo relevante para amenizar ou “curar” o mal psíquico que rodeia a sociedade contemporânea, se deve ao fato de que o ser humano está doente, pois no atual contexto socioeconômico, passamos por várias crises como desigualdade social, miséria, guerras, violência urbana, além de desastres ecológicos que ameaçam a sobrevivência do planeta, criando uma sensação de crescente ameaça e insegurança. A autora, ainda, afirma que “amedrontados e confinados, cada um se volta para si, desconectado do outro e da natureza. As relações tornam-se mais apressadas, superficiais, ‘descartáveis’. O utilitarismo impregna nossas relações profissionais e amorosas” (CIORNAI, 2004 p. 25).

Nesta perspectiva, ressaltamos as diferentes técnicas artísticas – desenho, pintura, colagem e modelagem, nas sessões de terapia que contribuem para conhecimento do si-mesmo.

Desenho

O desenho é uma forma de comunicação que surge desde a infância e, observando o desenho infantil como uma evocação representativa de um objeto, ele pode indicar os múltiplos caminhos que a criança usa para registrar percepções, conhecimentos, emoções, vontade, imaginação, memória no desenvolvimento de uma forma de interação social, apropriada às suas condições físicas, psíquicas, históricas e culturais. E,

“por estas razões é que a representação pictográfica tem sido objeto de estudo de psicólogos, psiquiatras, sociólogos, pedagogos, entre outros especialistas, os quais a considera um meio para o

acompanhamento e a compreensão do desenvolvimento na criança” (Fiorindo, 2005, p.39).

Dessa maneira, o desenho é um recurso terapêutico poderoso, que traz um universo de símbolos a serem interpretados. Através do desenho, transfere-se a energia psíquica do inconsciente para o ato criativo, por meio dos símbolos, que são assimilados pela consciência. Neste sentido, a arte pode ser um instrumento pelo qual o sujeito se desenvolve em busca do processo de individuação, ou seja, as etapas do conhecimento de si mesmo – *o self*.

Quanto à expressividade da linha, verificamos que o contorno tem características próprias e deflagra o estado emocional do cliente, de acordo com a forma, se é forte, fraca, insegura, firme, tracejada, reta. A partir de então, a função do arteterapeuta é observar uma resignificação, por meio do movimento, além das cores que o analisando utiliza.

Pintura

A pintura é a técnica que utiliza tintas como o guache, acrílica, aquarela, vinílica, entre outros materiais, como recurso expressivo. As tintas são miscíveis entre si oferecendo a possibilidade de obter uma larga escala de cores. Assim, a diferença entre o desenho e a pintura, é que esta relaciona-se à cor, enquanto aquele refere-se à forma do objeto. Nesta perspectiva, a tinta possibilita ao cliente expressar suas emoções de forma mais plena, utilizando-se da simbologia própria, isto é, o que a cor significa para o sujeito, em questão.

Levando em conta que as cores revelam as emoções, tensões e/ou alegrias do indivíduo que está pintando, observamos os resultados no set terapêutico, conforme Carneiro (2012).

A referida arteterapeuta, ao analisar a criança, trazida pela mãe, a fim de entender o processo de inquietação do garoto, percebeu que a agitação se referia às diferenças de cores entre seus pais, pois a mãe era negra e o pai – alemão, trinta anos mais velho que a mãe. Então, além da questão da cor, para se achar, em sua própria identidade, também havia a questão da idade. Dessa forma, durante as sessões, o garoto sempre perguntava – “*Que cor é essa?*” e “*Quantos anos você tem?*”.

A partir destas questões, a terapeuta trabalhou, inicialmente, a pintura livre, em que a criança escolhia as cores e a forma de pintar, e verificou que a cor que ele buscava representar era a cor da sua mãe, inicialmente, e depois a cor do seu pai, para enfim encontrar a sua própria cor. Quando procurava saber sobre a cor da sua mãe, ela respondia que era preta. E o seu pai, branco. Não conseguia identificar a sua própria cor na mistura destas duas cores.

A título de ilustração, seguem duas imagens do trabalho de Carneiro com o cliente:

Figura 2 – Mistura de tintas



(CARNEIRO, 2012 p. 2)

Figura 3 – Copo pintado com diferentes cores



(CARNEIRO, 2012 p. 3)

Colagem

A colagem como expressão plástica incorpora-se na arte do século XX com o Cubismo Sintético, que em geral envolvia a construção de objetos (com tinta ou outros materiais) de modo efetivo sobre a própria tela, representando a liberdade do artista em relação à superfície da obra pictórica. A técnica consiste, geralmente, na criação de

novas imagens utilizando outras já existentes. Estas imagens podem ser abstrações de pequenos recortes de papéis rasgados, imagens de revistas, sucatas diversas, sementes, folhas secas, entre outros.

Vale lembrar que a colagem é uma atividade de análise e de síntese, por exemplo, as letras que quando se juntam transformam-se em sílabas e palavras, as imagens justapostas, colocadas lado a lado, apresentam outro valor e transformam-se em outra imagem com conteúdo próprio. Tal prática é muito utilizada para ampliações simbólicas de conteúdos inconscientes, registrados através de outras técnicas como: desenho, pintura ou a modelagem.

Nesta perspectiva, são expressas sensações de ordenação das ideias e sentimentos, por meio do movimento de reunir lembranças e emoções que surgem a partir das imagens escolhidas. Paralelamente, há sensação de ruptura com o antigo, ou seja, destrói-se simbolicamente, costumes e hábitos, quando se corta ou rasga uma imagem. E continuando, ainda, na história anterior – “Que cor é essa?”, observamos que Carneiro (2012), também utilizou a colagem de famílias, em que o pai era negro, a mãe morena e a filha morena com os cabelos crespos; outra família com o pai branco, a mãe negra e a filha morena com cabelos crespos; além de duas figuras de crianças parecidas com suas irmãs mais novas. A terapeuta ressalta que “à medida que as figuras estavam sendo coladas, chamava a atenção dele sobre filhos de pai ou mãe de cor clara com pai ou mãe de cor escura, que quase sempre nascem morenos”. A seguir, observamos o trabalho de colagem orientado pela referida arteterapeuta:

Figura 4 – Colagem



(CARNEIRO, 2012, p.3)

Nesta perspectiva a arteterapeuta foi mostrando a diversidade de cores e idades entre as famílias, a fim de levar a criança à compreensão de sua cor e da diferença de idade entre seus pais. Ao final da sessão, a criança se encontrava menos agitada e reconhecia sua identidade, a partir das cores de seus pais, pois a terapeuta, durante as atividades artísticas, mostrava a miscigenação das raças, características da formação de um povo, principalmente, o brasileiro.

Modelagem

A modelagem é uma técnica milenar, com barro ou argila, utilizada pelas civilizações antigas para confecções de utensílios domésticos – peças criadas para rituais sagrados, como, por exemplo, o culto à fertilidade. Nesta perspectiva, o referido trabalho une os quatro elementos – ar, terra, água e fogo. E, segundo o pensamento alquímico, todos os elementos se transformam como nas diferentes fases do processo de individuação.

Neste sentido, o arteterapeuta, ao utilizar a referida técnica, auxilia o cliente a ampliar sua consciência, ao buscar o motivo e forma a ser modelada no barro. Assim, esta atividade possibilita a exploração tátil, em que várias formas vão surgindo. O barro se apresenta como o materno e acolhedor, aproximando o indivíduo aos seus conflitos, conforme Bozza (2000, p. 14):

“Das criações em argila o profissional passa a explorar, de forma concreta, os conflitos dos indivíduos, que representam a manifestação dos seus conteúdos inconscientes e reprimidos. Esta autoexpressão das dificuldades iminentes favorece seu auxílio emergente”.

De acordo com a autora, a argila é empregada pelos arteterapeutas, com a proposta de romper a armadura protetora que impede os indivíduos de se aproximarem de seus sentimentos, facilitando a solução do que se busca. Consequentemente, a imagem criada na modelagem poderá reproduzir a forma como o cliente vê sua problemática, plasmando conteúdos do passado, do presente e do futuro.

Durante a modelagem é importante observar alguns pontos: se o contorno está bem definido ou indefinido; perceber que posição da sua obra o cliente prefere

observar, quais as sensações e sentimentos que a imagem lhe traz, que associações podem ser feitas a partir delas, pois para o terapeuta o que mais interessa é aquilo que mobiliza o cliente enquanto criador. Acessando os conteúdos do inconsciente, a modelagem permeia o lúdico levando o cliente a se soltar e falar sobre sua obra.

Diante do exposto, verificamos que cada indivíduo necessita de um canal de expressão a que recorrer quando está vivendo momentos de escuridão e sombra. Para uns é dançar, cantar, encenar; para outros é escrever, pintar, modelar. Nesta perspectiva, o que importa, realmente, é poder reacender e manter o fogo criativo.

Considerações finais

Diante do exposto, constatamos que as diferentes formas artísticas, orientadas pelo arteterapeuta, contribuem de maneira significativa na solução de diferentes dificuldades de diversas ordens e áreas.

Dessa forma, durante o processo arteterapêutico manifesta-se a capacidade humana de perceber, figurar e reconfigurar suas relações consigo, com os outros e com o mundo, retirando a experiência humana do cotidiano, estabelecendo novas relações entre seus elementos, misturando o velho com o novo, o conhecido com o sonhado, o temido com o vislumbrado, trazendo assim novas integrações e possibilidades de crescimento.

Nesta perspectiva, a Arteterapia, conforme Maciel (2007),

“Apresenta-se como um novo modelo investigativo da psique humana que vem crescendo e ganhando espaço na área de saúde e desenvolvimento humano. A partir do estímulo ao potencial criativo inerente a todo indivíduo, e do resgate da ‘criança adormecida’ e do lúdico em nossas vidas, surgem novas formas de expressão dos questionamentos íntimos, das angústias, dores e medos”.

Assim, o papel do arteterapeuta é facilitar o processo criativo do cliente, pelas diferentes técnicas artísticas, a fim de levá-lo à descoberta de si mesmo e, dessa maneira, viver plenamente, com saúde, alegria, amor, fé e altruísmo – elementos que nutrem a alma.

REFERÊNCIAS

- BOZZA, M.G. G. Argila Espelho da Autoexpressão. *Arte-Terapia: Reflexões, Revista do Departamento de Arte-Terapia do Instituto Sedes Sapientiae*, Ano IV, n. 3, 99/2000, p.14.
- CARNEIRO, C. Que cor é essa? *Revista Pandora Brasil – Narrativas orais infantis e a memória*, coordenação Priscila Peixinho Fiorindo, nº 44, julho 2012:1-9 ISSN 2175-3318
- CIORNAI, Selma. *Percursos em Arteterapia*. São Paulo, Summus, 2004.
- FIORINDO, P. P. *Em torno da narrativa/narração: a proposta revisitada do modelo laboviano de narrativa oral*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH/USP, 2005.
- _____. *O papel da memória construtiva na produção de narrativa oral infantil a partir da leitura de imagens em sequência*. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH/USP, 2009
- JORGE, L. S. *Roda de Histórias: sons, imagens e movimentos novos modos de informação em educação*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, ECA/USP, 1999.
- MACIEL, C. *A Arte “em” e “como” terapia*. Associação Baiana de Arteterapia – ASBART. Disponível em: <http://arteterapiadabahia.blogspot.com.br/2011/07/o-que-e-arteterapia-carla-maciel-arte.html> . Acessado em 15 nov/2012.
- MERLEAU-PONTY, M. *A linguagem indireta e as vozes do silêncio*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- TORRINHA, F. *Dicionário Latino-Português*. Porto: Edições